



## Editorial

### O JORNALISMO PÓS-GOLPE OU O JORNALISMO ESCORPIÃO

Dennis de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este editorial aborda o atual panorama do jornalismo no Brasil, particularmente após o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Crise Política. Dilma Rousseff. Jornalismo Escorpião. Jornalismo Pós-Golpe.*

Começo este editorial partindo do pressuposto de que o Brasil sofreu uma nova modalidade de golpe de Estado. Um golpe que não foi realizado pela presença de tropas militares nas ruas e fechamento das instituições democráticas, mas dentro delas e com protagonismo da maioria dos seus integrantes.

O fato do processo de *impeachment* da presidenta da República ter sido pelas vias institucionais não garante a sua legitimidade democrática. O pensador Tzevan Todorov comenta que os ataques à democracia brotam dentro da própria democracia em

---

<sup>1</sup> Professor associado do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da Escola de Comunicações e Artes da USP. Vice-líder do ALTERJOR (Grupo de Pesquisa de Jornalismo Popular e Alternativo) e coordenador científico do CELACC (Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação). E-mail: dennisol@usp.br

função de um esgarçamento da esfera pública e um esvaziamento da dimensão dos compromissos públicos e coletivos em função do fortalecimento do interesse individual. (TODOROV, 2012)

Recentemente, o atual presidente da República admitiu que Dilma Rousseff foi afastada do cargo porque recusou-se a cumprir uma agenda política de corte liberal. Talvez esta tenha sido a fala mais sincera do atual mandatário. A tal agenda de que ele fala está expressa no documento intitulado *Ponte para o futuro*, disponível no site do PMDB desde o segundo semestre do ano passado. Enfim, toda a narrativa de moralidade na política e de batalha contra a corrupção era cortina de fumaça para esconder a real batalha político-ideológica que norteou o processo de impeachment: a imposição de um programa que não foi aprovado pelo crivo das urnas. E é por esta razão que se tratou de um golpe de Estado.

Pode-se criticar os políticos que arquitetaram este golpe e as artimanhas utilizadas para impor um projeto que não foi aprovado nas eleições. Mas o mais grave de tudo é que tal artimanha praticamente foi reproduzida acriticamente por uma instituição que deveria comportar-se como a fiscalizadora da Sociedade Política: o jornalismo.

A cortina de fumaça do discurso da moralidade foi amplificada pelo jornalismo hegemônico. Pior: as denúncias de corrupção não foram produto de investigação jornalística. Os jornais da chamada grande mídia atuaram como amplificadores do voluntarismo de um juiz de primeira instância em Curitiba, promotores e policiais federais. No fim, a estrutura do Poder Judiciário que deve ser pautada pela discricção e equilíbrio como condições necessárias para conter os excessos naturais das indignações e interesses particulares foi rapidamente colonizada pela narrativa midiática que transforma pessoas públicas em celebridades. Assim, não importava mais a qualidade e lógica argumentativa das narrativas, mas simplesmente a imagem midiaticizada da fama.

É fato que a indústria da comunicação passa por uma séria crise. As tecnologias de informação e comunicação (TICs) impactaram a forma de se produzir e consumir informação. Primeiramente, a possibilidade de qualquer cidadão produzir e disseminar informações via as TICs tirou o monopólio desta atividade do jornalismo. E, em função disto, o jornalismo como instituição teve a sua legitimidade arranhada. O impacto

comercial disto foi evidente. Em todo o mundo, as indústrias de mídia passam por uma crise com a queda de público. E as atividades ligadas à área de comunicação, *mas não vinculadas a produção de conteúdo* crescem. Atualmente, o portal *Google*, de buscas na internet, ocupa a segunda colocação em faturamento publicitário atrás apenas da Globo.

Esta mudança estrutural no campo da mídia em que a produção de conteúdo perdeu sua “aura”, utilizando o conceito de Walter Benjamin (2014), reposicionou as estratégias de produção das empresas jornalísticas hegemônicas. Com orçamentos cada vez mais curtos, prejuízos e dívidas crescentes, as empresas jornalísticas buscam desesperadamente alternativas para a manutenção das suas atividades.

Raciocinando na perspectiva empresarial, a primeira medida no corte de custos é a redução de pessoal e a precarização do trabalho do jornalista. A primeira vítima é a qualidade da informação que se nivela – por baixo – com o grosso das informações produzidas amadoristicamente e disseminadas pelas redes sociais. Para manter a sua legitimidade como instituição, as empresas jornalísticas abusam da sua capacidade de construir celebridades midiáticas e usam este poder para selecionar determinadas personalidades e serem porta-vozes das suas narrativas, sem qualquer preocupação de senso crítico. Desta forma criam uma certa rede de apoio em segmentos da sociedade que, por sua vez, retroalimentam a produção de informações servindo como fontes de fácil acesso e mantendo a aparência de uma narrativa jornalística.

A partir disto, este jornalismo hegemônico constrói laços de credibilidade com seu público não pela qualidade das informações, mas por falar *aquilo que este público quer ouvir*. Assim, sentimentos, até irracionais, percepções superficiais e olhares enviesados por serem construídos de forma individualizada encontram eco e são envernizados pelo discurso pretensamente racionalizado e formal dos órgãos jornalísticos. Gera-se, assim, uma legitimidade autorreferente. Na sua radicalidade, esta autorreferência se expressa com jornalistas entrevistando jornalistas ou pela presença do *opinionismo*, em que a opinião se sustenta na fama do articulista e não pela qualidade das suas argumentações.

Este jornalismo encontrou um cenário favorável com o golpe. Isto porque este processo político foi movido por narrativas irracionais, autoritárias e intolerantes que transformou o embate político em um “*Fla x Flu*” ideológico. O jornalismo poderia ser

um espaço para o *esclarecimento* e contenção das irracionalidades, mas foi seduzido a entrar no campo da batalha de narrativas, assumindo um lado – aquele preferencial de parcela do seu público e que exigiria menos reflexão porque estava alicerçado no senso comum.

Assim, o jornalismo como atividade que foi fundamental para a construção da democracia, também integra o conjunto de instituições democráticas de onde se brota os processos autoritários, como afirma Todorov. Transforma-se em um berço onde se cria os inimigos íntimos da democracia. E como o exercício pleno do jornalismo se realiza apenas e tão somente na democracia, esta opção do jornalismo hegemônico pode significar a morte do jornalismo. Como um escorpião que, sitiado ante um círculo de fogo, pica e envenena a si próprio.

## Referências

5

---

- TODOROV, T. **Os inimigos íntimos da democracia**. S. Paulo: Cia das Letras, 2012.
- BENJAMIN, W. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. S. Paulo: LPM, 2014